

Relação entre os Blogs e Webjornalismo

João Simão

Email: simaocc@gmail.com

Resumo

Blogs e webjornalismo podem por vezes ser confundidos. Há no entanto diferenças significativas. São os pontos comuns e os pontos divergentes que este trabalho sistematiza, procurando ser assim um contributo para uma discussão que se prevê evoluir nos próximos tempos. A Web 2.0 e as ferramentas gratuitas são ainda outro tema importante na relação dos blogs com o webjornalismo e o jornalismo em geral não descurando o conceito de jornalista cidadão.

1. Blogs e webjornalismo

Se todos sabemos o que é um blog e quais as suas principais características, o mesmo já não podemos dizer sobre o webjornalismo. Embora ainda sem um modelo concreto e aceite genericamente há elementos que podemos apontar. A actualização constante, a interacção com os leitores através de links e dos comentários bem como a possibilidade de poder enviar o texto por e-mail são alguns dos elementos do webjornalismo aceites por todos. O interessante é que os blogs oferecem igualmente estas possibilidades. Não será pois de admirar que surjam algumas confusões entre os blogs e a possibilidade de se praticar jornalismo neste suporte.

Comecemos então por este ponto: É possível praticar-se jornalismo num blog? A resposta é simples, possível é, no entanto dificilmente se praticará e actualmente ninguém o faz. José Luís Orihuela, afirmou numa entrevista que «los blogs no son periodismo, ni nuevo ni viejo; no hay, en la inmensa mayoría de los blogs, la más mínima intención por hacer periodismo ni los bloggers son considerados como periodistas.»¹

¹ José Luís Orihuela ; «Los blogs son mi biblioteca y mi laboratorio on-line» ; in http://www.prnoticias.com/prn/hojas/noticias/detallenoticia.jsp?noticia=17780&repositorio=0&pagina=1&idapr=1__esp_1__ (Consultado em 28 de Maio de 2006)

É possível porque os blogs oferecem duas das mais importantes necessidades dos webjornalismo; a actualização constante, renovação de informação e a interacção com os webnautas.

Tomemos como exemplo o Blogger, a mais popular plataforma de criação de blogs. O site oferece um editor que permite publicar um texto em modo WYSIWYG (What You See Is What You Get) e em HTML permitindo assim uma edição mais simples e intuitiva tal como se escreve no Word por exemplo, ou em modo HTML que permite inserir vídeos e sons entre outros elementos multimédia. Mas esta edição não é apenas potenciada por este editor on-line. Há inúmeras plataformas que permitem editar posts no blogger, refiro mais uma pela simplicidade e funcionalidade que tem para posts mais textuais. Com um add-on cedido gratuitamente pelo Blogger é possível publicar directamente a partir do Word.

Há assim muitas formas e maneiras que permitem actualizar e publicar num blog. A qualquer altura, qualquer post pode ser apagado ou editado. Um blog permite desta forma uma simples e rápida actualização, que aliada à publicação cronológica organiza o blog de forma a ser facilmente lido e percebidas as alterações desde a última leitura.

Aliada à simples criação, que não necessita de nenhum conhecimento técnico, a facilidade de actualização e de publicação foi um dos factores que mais ajudou à popularização e vulgarização dos blogs.

Outro factor fundamental no webjornalismo e também nos blogs é a interacção com os leitores. E neste sentido os blogs têm vindo a melhorar as formas de interacção. Nos primeiros tempos dos blogs, reportamo-nos a 1999 com o Blogger, não existia a possibilidade de comentar. Esta foi potenciada algum tempo mais tarde com recurso a outros sites que ofereciam esse serviço. Actualmente para além de poderem comentar um post os leitores

podem ainda copiar o link permanente, enviar por e-mail aquele post a outra pessoa, ou mesmo publica-lo no seu blog deixando a referência na página original.

A forma como estas acções são potenciadas quase automaticamente em templates já predefinidos e geridos num interface gráfico simples e intuitivo permitem que qualquer página seja interactiva.

Os comentários num blog são muito importantes. Chega mesmo a criarem-se comunidades de comentadores em blogs. Citamos um exemplo: no “blogue dos marretas” podemos encontrar um número considerável de comentadores que não se limitam a comentar espontaneamente. São quase fieis na sua tarefa de comentar tendo cadaum o seu próprio estilo e partilhando “relações pessoais”² com os outros comentadores. Mas a importância dos comentários não se fica pela criação de uma comunidade, aliás esta é o resultado de outros factores.

Um estudo de Gilad Mishne e Natalie Glance; “Leave a Reply: An Analysis of Weblog Comments” deixa alguns dados sobre a importância que os comentários desempenham nos blogs. Uma das primeiras conclusões é que os comentários funcionam como motivação para os bloggers continuarem a escrever. Esta motivação surge pelo carácter de feedback³ e de acrescentar de novos dados que os comentários conferem ao blog. Trata-se ainda de uma maneira de conferir a popularidade do blog. Para além dos contadores que registam o número de visitas, e dos links para um blog, os comentários em maior ou menor numero são o indicador da participação e do número de webnautas que lê um blog. No estudo esta situação é referida como sendo “ a chicken-and-egg situation”

² Ao usarmos o termo “relações pessoais” não nos estamos a referir relações de presença física, referimo-nos sim a uma aceitação de individualidade do nick conhecendo-lhe características, gostos e interesses.

³ Usamos o termo em inglês como forma de englobar o conceito de resposta e interacção.

isto é “quem nasceu primeiro o ovo ou a galinha?” o maior número de comentários pode ser resultado do maior número de leituras referidas nas visitas e links para o blog, no entanto esse maior número também se deve ao facto do blog ser mais ou menos comentado. Certo é que um post com mais comentários é o post mais popular e o mais lido.

«Clearly, commented weblogs are substantially more read and linked to. However, there is a chicken-and-egg situation here: assuming a fixed percentage of weblogs readers post comments, weblogs which have more incoming links and more readers are more likely to have higher amounts of comments. Nevertheless, the existence of many comments in a weblog post is clearly an indication for popularity of the post, and unlike other measures (such as indegree count) does not require analysis of the entire blogosphere.»⁴

Outro dos pontos que o estudo também aborda é a capacidade que os comentários conferem de criar um debate em torno de um tema e/ou de um post.

Há ainda outras formas de interacção que proliferam cada vez mais na web. Começemos pelos links, quem usar uma ferramenta de “administração de links”⁵, pode facilmente editar, actualizar os links do blog. Pode ainda através da caixa de sugestões⁶ receber dos seus leitores sugestões para links. Cria-se desta forma uma interligação maior entre o ou os autores e os leitores, isto porque a maior parte dos leitores de blog possuiu um.

Outra forma de criar interacção passa por aquilo que em português do Brasil se designa de “enquete” e que em inglês tem a

⁴ Willis, Chris e Bowman, Shayne – We Media: how audiences are shaping the future of news and information; The Media Center at The American Press Institute; 2003

⁵ Vulgarmente conhecida pela designação inglesa de Blogroll.

⁶ Este serviço é oferecido pelo BLINKAR.NET, um blogroll português que à data da redacção deste artigo tinha esta função desabilitada devido a problemas no serviço, no entanto António José Silva, o autor do Blinkar, tem estado a reestruturar o serviço de forma a recuperar todas as funções.

denominação de “pool”, em Portugal ainda não se encontrou uma designação aceite comumente usando-se ou inquérito ou questionário, ou outros nomes mais criativos. Estes serviços são também eles simples de criar, de gerir e de publicar no blog possibilitando uma estatística sobre um tema que normalmente é debatido no blog.

Embora não se possa inserir dentro da característica de interação com os leitores, assistimos nos últimos meses a renovações no que se refere ao uso de elementos multimédia nos posts. Se a web é um meio as características deste meio são a possibilidade de usar vários elementos multimédia para além do texto, nomeadamente imagem, som, vídeo, animações... O “You Tube”⁷ permite de forma muito fácil publicar um vídeo num blog não sendo necessário possuir conhecimentos técnicos para tal.

Por todos estes motivos supracitados é pois normal que tivessem surgido algumas dúvidas quanto ao que se faz nos blogs ser jornalismo. A nossa resposta divide-se em duas partes: a primeira de que é possível; a segunda de que dificilmente algum dia isso acontecerá. Ora que é possível já o mostramos quando indicamos as principais características do webjornalismo e dos blogs. Falta então justificar o porquê de “dificilmente algum dia acontecerá”.

Os blogs são estruturas que pelas suas características servem principalmente para a criação de opinião. A criação autónoma, a liberdade de edição, a gratuidade, e os comentários são aliciantes para quem quer libertar e partilhar a sua opinião. Opinião que assume diversas formas, quer opinião política, quer opinião sobre temas dos media, sobre musica, sobre outros assuntos quaisquer.

⁷ www.youtube.com | Site que permite carregar um vídeo na web e que dá ao seu utilizador todos os códigos HTML para publicar o vídeo num formato FLV com um player incorporado que permite fazer streaming de vídeo evitando que o vídeo fique a pesar no abrir da página.

Há no entanto blogs que serviram de fontes para “furos” jornalísticos. O que não faz deles “jornais” mas sim fontes. Chegámos então à primeira relação entre os blogs e o webjornalismo ou o jornalismo em geral. Os blogs são boas fontes para os jornais. Há blogs e bloggers⁸ que têm acesso a informações que escapa aos jornalistas, quer dada a sua posição numa empresa, num partido político, ou em qualquer outra organização. Os blogs são ainda fontes quando os seus autores escrevem sobre um determinado tema especializando assim um blog. É neste sentido que o PÚBLICO.PT está a convidar “blogs especializados que ocupam um lugar de referência nos seus domínios”⁹ para se juntarem à lista de blogs do jornal.

Mas os blogs não são apenas fontes de informação e de temas para os jornais, são-o também para os webnautas¹⁰ interessados naquele tema ou naquele blog. Pode-se dizer que há blogs sobre tudo, desde os “baby blogs”, ou blogs de bebés em que os pais partilham o crescimento dos filhos dia a dia no blog, até blogs especializados em medicina, em tecnologia, em humor ou simplesmente blogs de pensamentos individuais ou colectivos, passando também por blogs erótico-pornográficos, de “watch dog”, regionais, institucionais, educacionais, etc. é pois fácil de compreender que os blogs acabam sempre por ser uma importante fonte de informação que se especializa em certos temas. Exemplo de que os blogs se começam a afirmar como uma importante fonte de informação é a recente junção da Technorati com a AP para ligar os bloggers aos subscritores dos serviços da AP.¹¹

⁸ Designação para quem escreve num blog.

⁹ Declarações de José Victor Malheiros, director do PÚBLICO.PT num comentário do blog Ponto Media de António Granado, o primeiro blog convidado do PÚBLICO-PT | <http://ciberjornalismo.com/pontomedia/?p=914#comments>

¹⁰ Designação para todos aqueles que navegam na Internet.

¹¹ “Technorati Teams With The Associated Press to Connect Bloggers To More Than 440 Newspapers Nationwide” | <http://technorati.com/weblog/2006/05/107.html>

Mas então qual a diferença que nos leva a identificar o conteúdo dos blogs como fontes de informação e não como jornalismo? A resposta a esta questão passa como é óbvio pela identificação das características chaves do que é o jornalismo. «Jornalismo é a actividade profissional que consiste em apurar, recolher e coligir informação, redigindo-a sob a forma de notícia que se destina a ser divulgada junto do público através de um meio de comunicação de massas.» (Gradim, 2005). Assim temos que o jornalismo é uma actividade que é regida por regras, legais e por critérios editoriais de cada órgão de comunicação social. Um jornal¹² é formado por uma estrutura composta por jornalistas, editores, chefe de redacção, e director. A profissão de jornalista está ainda sujeita às regras da Comissão da Carteira Profissional dos Jornalistas que resumidamente se apresentam da seguinte forma:

«Podem ser jornalistas os cidadãos maiores de 18 anos no pleno gozo dos seus direitos civis.»¹³

«A profissão de jornalista inicia-se com um estágio obrigatório, a concluir com aproveitamento, com a duração de 24 meses, sendo reduzido a 18 meses em caso de habilitação com curso superior, ou a 12 meses em caso de licenciatura na área da comunicação social ou de habilitação com curso equivalente, reconhecido pela Comissão da Carteira Profissional de Jornalista.»¹⁴

«O exercício da profissão de jornalista é incompatível com o desempenho de:

a) Funções de angariação, concepção ou apresentação de mensagens publicitárias;

b) Funções remuneradas de marketing, relações públicas, assessoria de imprensa e consultoria em comunicação ou imagem, bem como de orientação e execução de estratégias comerciais;

¹² Entenda-se, órgão de comunicação social.

¹³ Estatuto do Jornalista (Lei n.º 1/99 de 13 de Janeiro); Artigo 2º

¹⁴ Estatuto do Jornalista (Lei n.º 1/99 de 13 de Janeiro); Artigo 5º

- c) Funções em qualquer organismo ou corporação policial;
- d) Serviço militar;
- e) Funções de membro do Governo da República ou de governos regionais;
- f) Funções de presidente de câmara ou de vereador, em regime de permanência, a tempo inteiro ou a meio tempo, em órgão de administração autárquica.»¹⁵

Os blogs não reúnem então as condições necessárias para serem considerados jornalismo. Não só pela legislação mas também pela forma com que são utilizados, sem uma estrutura que permita a recolha isenta e sistemática de dados de forma a coligir, organizar e editar informação.

Um jornal independentemente da sua organização apresenta uma estrutura que não varia muito desta: Direcção, Concelho Editorial, Chefia de Redacção, Editores, Redactores, Colaboradores, Colunistas e Secretaria de Redacção. Esta estrutura tem funções e tarefas bem definidas em toda a organização e produção dos conteúdos noticiosos.

Assim o director de um jornal para além de fazer a ponte entre a redacção e a administração têm ainda como funções «definir a orientação e a linha editorial da publicação, o que faz, entre outras formas, através dos editoriais que periodicamente escreve;»¹⁶ e ainda «assumir as responsabilidades legais decorrentes dos textos não assinados que são publicados no jornal; e co-responsabilizar-se pelos textos cujo autor está identificado;»¹⁷ cabe ainda ao director supervisionar os trabalhos mais importantes e em conjunto com os chefes de redacção escolher os destaques e títulos para a primeira página.

¹⁵ Estatuto do Jornalista (Lei n.º 1/99 de 13 de Janeiro); Artigo 3º

¹⁶ Gradim, Anabela; Manual de Jornalismo, BOCC (www.booc.ubi.pt) 2000

¹⁷ Idem

Num blog, mesmo com vários bloggers esta função de director não existe. O mais semelhante passa pelo administrador do blog que ao convidar os blogger apontou uma linha temática e que pode corrigir e adaptar textos. No entanto a função de responsabilidade por todos os textos e o supervisionamento dos principais postes é coisa que não acontece.

Hierarquicamente num jornal entre o director do jornal e a chefia de direcção existe o conselho editorial, «um órgão consultivo com responsabilidades na definição da linha editorial do jornal»¹⁸. Mais uma vez tal estrutura não se verifica nos blogs.

Chefias de redacção, a figura do chefe de redacção e os sub-chefes são o exemplo da organização na recolha e produção de notícias. Ao chefe de redacção compete «coordenar e supervisionar todo o trabalho produzido na redacção [e] organizar cada número do jornal»¹⁹. Esta figura apenas existe como forma de organizar a redacção permitindo assim a existência de uma linha de trabalho sistemática onde sejam executados os temas de interesse e os valores noticiosos presentes na linha editorial da publicação. Nos blogs esta figura não existe com carácter executivo. Em blogs colectivos tal figura pode existir mas apenas dando sugestões. Esta diferença é significativa pois implica resultados diferentes na forma como são tratados os factos e as fontes e construído o texto.

As actuais ferramentas para blogar permitem dividir os posts em categorias ou tags. Um jornal tem secção de temáticas específicas. Por cada dessa secção existem um responsável máximo. Os Editores se secção «têm por tarefa coordenar os trabalhos dos redactores da sua área, editar as peças jornalísticas por eles produzidas»²⁰

¹⁸ Ibidem

¹⁹ Ibidem

²⁰ Ibidem

Hierarquicamente, na organização de um jornal, sob a alçada dos Editores estão os redactores. Estes por norma especializam-se na temática da secção a que estão afectos e têm de dominar os diferentes géneros. No caso do blog os redactores adoptam o nome de bloggers, não têm de dominar nenhum género pois ainda não há géneros específicos para escrita no blog. Tal como também já vimos os bloggers não têm nenhum superior hierárquico que lhe controle e supervisione o seu trabalho.

Do corpo redactorial de um jornal fazem também parte os colaboradores e os colunistas. Enquanto que os primeiros escrevem pontualmente para o jornal, os segundos por norma têm um espaço ou rubrica fixo. Os «colunistas são personalidades de peso e reconhecido mérito social, intelectual, ou outro, que asseguram rubricas de opinião fixas nos jornais onde colaboram. Em geral é possível avaliar a pujança, qualidade, e mesmo a linha ideológica de um jornal através da análise do elenco de colunistas que integram a publicação.»²¹ Nos blogs o que acontece é uma mistura de opinião e de informação. Muitos são apenas opinião. O caso mais marcante em Portugal regista-se no blog Abrupto de José Pacheco Pereira, um reconhecido colunista do jornal Público e comentador televisivo.

Da arquitectura organizativa de um jornal fazem ainda parte a secretaria de redacção e o arquivo. A primeira cumpre funções organizativas e logísticas como a agenda, a reserva de bilhetes, hotéis, gerir a frota de automóveis, etc. Como é claro num blog não há entidade que trate de tais pormenores. Quanto ao arquivo quer no jornal quer nos blogs a função é semelhante. Guardar as publicações mais antigas para memória e uso posterior como background.

Toda esta questão da organização serve para demonstrar dois pontos. O primeiro é que esta estrutura dos jornais tem mais implicações do que a mera organização. Altera toda a lógica de

²¹ Ibidem

funcionamento e de redacção criando alterações muito significativas ao produto final, o texto jornalístico e a informação veiculada. O segundo ponto refere-se ao carácter um pouco particular que o blog apresenta. Surgem porém cada vez mais blogs institucionais que começa a subverter toda esta lógica. No entanto não será de prever que nos tempos mais próximos os blogs, da forma como os conhecemos actualmente, se estructurem de forma profissional. Se tal acontecer a plataforma usada terá outras especificações mais semelhante às usadas actualmente no webjornalismo.

Mesmo não sendo jornalismo muitos dos blogs de referência são tidos em tão boa conta que são equiparados a jornais na leitura diária de muitos webnautas. Os blogs equiparam-se ainda aos jornais quando colocados lado a lado nos agregadores de RSS.

É exactamente com os feeds de RSS que se expandiu outra das importantes relações entre os blogs e o webjornalismo. Se o jornalismo usa os blogs como fonte, os blogs fazem o mesmo mas de outra forma. Com o RSS tornou-se possível que um blog tivesse sempre actualizadas as notícias dos jornais que tem como referência pela temática que mais interessa aos leitores do blog. Assim ao ler um blog está também a ter acesso aos títulos e superlead dos jornais, funcionando assim o blog como distribuidor temático dos jornais.

Mesmo antes da vulgarização do RSS os blogs tinham já uma relação muito próxima com os jornais, principalmente aqueles que se manifestam on-line. Muitos dos posts são uma recolha, indicação e comentário de notícias. Esta actividade por parte dos bloggers é sem dúvida o maior potenciador de mudanças dos cidadãos face ao jornalismo verificadas principalmente em duas vertentes. Primeiro há um maior interesse e participação nas notícias. O acto de comentar num blog libertou o leitor da sua função de simples consumidor de informação e é normal ver vários comentários nas notícias do

PÚBLICO.PT por exemplo. Esta interacção e participação é claro a possibilidade de publicar informação deu ao leitor ainda o ensejo para o que hoje se apelida de jornalismo do cidadão. A SIC é quem mais claramente explora esse conceito em que o cidadão passa não a ser jornalista como intitula o conceito mas uma importante fonte bem colocada e informada que toma a iniciativa. Actualmente a SIC no seu site oficial conta com cinco temas do “jornalismo do cidadão” onde num formato igual aos seus blogs temáticos coloca informações enviadas por webleitores²² da SIC.

2. O novo ecossistema dos media

O conceito “de um para muitos” começa cada vez menos a fazer sentido, mesmo nos media tradicionais. Especialmente com a Internet, mas não só, surgem novas fontes de informação que partem do cidadão ou de associações de cidadãos. Os blogs são a forma desse tipo de expressões ganhar divulgação sem estar dependente do “Gatekeeper”. Assim os blogs são o primeiro passo para o “jornalismo do cidadão” no entanto os blogs cumprem ainda a função de observadores e de comentadores, são “opinião pública”.

Actualmente podemos dividir as fontes dos jornais²³ em três, as “fontes oficiais”, os “blogs” e a “investigação jornalística”. Nas “fontes oficiais” incluímos as notas de imprensa enviadas por empresas, agência de comunicação, organizações e instituições, das quais consta a informação veiculada pelo organismo interessado na sua divulgação. Nos “blogs” há múltiplos tipos de informação desde a de carácter mais pessoal, à mais corporativa e até mesmo informações

²² Webnauta aqui representa o que nos jornais são os leitores, nas rádios os ouvintes e na televisão os telespectadores. Num meio com múltiplos meios não podemos isolar uma característica pois num site quem o consulta não se limita a ler, ouve ficheiros de som e vê vídeos. Como tal com o termo webleitor pretendemos reunir todas estas actividades.

²³ Referimo-nos a jornais no sentido de Órgãos de Comunicação Social

novas resultado da posição do blogger num determinado organismo, ou mesmo fruto da sua investigação. A “investigação jornalística” é todo aquele material que o jornalista recolhe junto das suas fontes no local, sejam elas habituais ou espontâneas.

Depois de tratada a informação é difundida e acaba ela mesma por ser também “fonte” quer para os tradicionais líderes de opinião locais, quer para os bloggers, que ao contrários dos primeiros têm projecção mediática. Assim as notícias são tratadas pelos blogs de diferentes maneiras. Ou simplesmente apresentadas por serem de interesse do blog, ou comentadas ou mesmo estudadas (neste ultimo caso refiro-me a blogs com função de watchdog). Como a comunicação gera comunicação, os blogs voltam a ser usados como fonte de informação para os media tradicionais.

Embora à primeira vista pareça que os blogs não trouxeram grandes alterações ao ecossistema dos media, na verdade o cidadão como fonte passou a ter maior peso. As formas de comunicação e de informação colaborativas aumentaram exponencialmente e isso refletiu-se nos media tradicionais que souberam usar os cidadão dotados agora de maquinas fotográficas e de um espírito “jornalístico” mais apurado. As mudanças são nítidas. O “de um para muitos” começa a perder força para o “de muitos para muitos”.

Os blogs não são em si jornalismo, mas são uma parte importante e activa do ecossistema mediático.

3. Web 2.0

A figura que Camões imortalizou nos “Lusíadas” representa todas as vozes que se levantam contra o progresso enfatizando os seus perigos. Com a web não foi diferente e muitos no passado e ainda hoje vêm-na como algo muito mau que faz com que quem a

use deixe de ter vida e se dedique apenas ao virtual. Estava assim posta em perigo a sociabilidade.

A designação de Web 2.0 não é inocente e segue toda a terminologia usada para actualizações (update) e evoluções (upgrade) de programas informáticos. Quer isto dizer que a web 2.0 trata-se de uma evolução da web 1.0. Convém então ver o que é a web 2.0, e qual a evolução que o uso da Internet teve. Se os “Velhos do Restelo” tinham razão ou se pelo contrário estavam enganados.

Uma das principais e primeiras características da “Nova Web” ou Web 2.0 é o facto de que os usuários produzem conteúdo. A mudança que os blogs introduziram foi mais profunda do que há primeira vista possa parecer. Até então a produção de conteúdo na web está reservada a uns poucos que dominavam as ferramentas necessárias de criação e actualização de uma página. Assim a maior fatia dos webnautas tinha o papel passivo de consumir conteúdo e informação. Os blogs e mais tarde a tecnologia Wiki vieram permitir uma maior democratização da web no que se refere à produção de conteúdo.

Uma maior facilidade de produzir conteúdo e de o colocar online gerou várias alterações:

A primeira foi a capacidade crítica e activa das pessoas que agora têm nos blogs a sua forma de comunicar para o mundo. Havendo como consequência mais leitura e um espírito mais crítico em lugar da passividade que a falta de uma relação dialógica provocava.

Criação de comunidades baseadas não na proximidade física mas nos interesses comuns. A facilidade de publicar originou comunidades que se juntam em torno de um interesse ou tema comum o que leva depois à existência de relações interpessoais que fortalecem o sentido de comunidade.

Quantas mais pessoas envolvidas na produção de conteúdo de um site, seja ele blog ou Wiki, maior é a qualidade do serviço. Quanto mais membros maior é a actualização, a actualidade, a confirmação e validação dos conteúdos. Quase por relação directa maiores são também o número de webnautas a visitar a página, que em certos casos, também eles mesmo não sendo membros podem sugerir e/ou enviar informação e conteúdos.

Desta forma com a facilidade de acesso à produção de conteúdo este ganha uma maior importância. De tal forma que se liberta da sua plataforma inicial e se disponibiliza em diferentes plataformas. O exemplo mais fácil de perceber é o funcionamento dos feeds de RSS. Através dos feeds RSS o conteúdo dos blogs, por exemplo, pode ser usado em agregadores ou noutros blogs. O mesmo se passa com outro tipo de conteúdos que pode ser misturado e aproveitado para diferentes tipos de plataformas.

Há ainda a registar uma nova forma de classificação da informação. Se no nosso disco rígido organizamos a informação dentro de pastas e sub-pastas, ou seja, segundo categorias e subcategorias (taxsonomia) a Web 2.0 permite uma classificação menos linear e mais semelhante ao nosso pensamento. Através de tags que podemos traduzir por palavras-chave ou etiquetas, podemos colocar um link em mais que uma categoria simultaneamente (tagsonomia).

Outra das grandes inovações da Web 2.0 trata-se de ser possível aceder e usar aplicações on-line criando ambientes mais semelhantes ao ambiente de trabalho. Desta forma torna-se mais simples utilizar sites que requerem do utilizador a tarefa de preencher e actualizar a sua própria informação.

Esta simplicidade e rapidez potenciaram o surgir das redes sociais. As redes sociais são sites apoiados em bases de dados que permitem manter informação sobre cada pessoa actualizada pelo próprio. Permitem ainda ligações entre conhecidos e amigos virtuais

ou reais. A utilidade que os utilizadores lhe reconhecem passa pelo juntar amigos separados pela distância. Manter o contacto, mostrar o que de novo se passa, e conhecer pessoas novas.

Um perfil completo numa rede social é um pouco a identidade de cada um. Coloca à disposição de todos imagens suas, os seus interesses, os desejos, etc. As medidas de segurança são definidas pelos utilizadores que apenas disponibilizam os seus contactos se assim o desejarem. As formas de contactos promovidas pelos sites são seguras podendo apenas ser acedidas directamente na base de dados. Para os utilizadores destas plataformas elas são formas de extensão para a web das suas redes de amizades podendo assim manter o contacto com todos os amigos.

Ao contrário do que os “Velhos do Restelo” vaticinavam a web segue um rumo em que une cada vez mais as pessoas e as mantém mais em contacto. Estar on-line hoje significa estar contactável. A web funciona assim como uma extensão da vida real e não como um mundo à parte completamente virtual. Os blogs e o webjornalismo têm neste estar contactável e nesta extensão da vida real uma posição preponderante no rumo que a web 2.0 segue. O webjornal (refiro-me a uma rede de diferentes jornais quer por consulta directa quer por agregação) é uma fonte de informação tratada, ordenada e compilada. O blog é o local onde essa informação é comentada, citada, debatida. Cada blog é um pouco “um espaço público” do iluminismo Habermasiano.

Referências

- BARBOSA, Elisabete; Jornalistas e Público: Novas funções no Ambiente On-line; Informação e Comunicação Online 1; Projecto Akademia; Universidade da Beira Interior; 2003
- ESTATUTO DO JORNALISTA (Lei n.º 1/99 de 13 de Janeiro)
- FARÉ, Marco; Blog e Giornalismo, L'Era Della Complementarietà; European Journalism Observatory; www.ejo.ch
- GRADIM, Anabela – Manual de Jornalismo; 2000; BOCC (www.bocc.ubi.pt)
- GRADIM, Anabela – Webjornalismo e a Profissão de Jornalista: alguns equívocos sobre a dissolução do 4º poder - comunicação apresentada nas “Jornadas de Jornalismo Online 2005” organizadas pelo Labcom
- MISHNE, Gilad e Glance, Natalie – Leave a Reply: Na Analysis of Weblog Comments; 2006
- ORIHUELA, José Luis; “Los weblogs son mi biblioteca y mi laboratorio on-line” em entrevista à PRNOTICIAS disponível on-line em: http://www.prnoticias.com/prn/hojas/noticias/detallenoticia.jsp?noticia=17780&repositorio=0&pagina=1&idapr=1__esp_1__ (Consultado em 28 de Maio de 2006)
- WILLIS, Chris e Bowman, Shayne – We Media: how audiences are shaping the future of news and information; The Media Center at The American Press Institute; 2003 (www.hypergene.net/wemwdia/)